

moda na filosofia

[ROSANE PRECIOSA]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora do Instituto de Artes e Design da UFJF e autora do livro *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida* (Anhembi Morumbi, 2005).

E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br

Clarice Lispector se perguntava por que escrevia. Diríamos que para pesquisar sensações e "sonhar palavras", que funcionassem como registros informes das intuições que o fluxo da vida dispara. "O bom de escrever é que não sei o que vou escrever na próxima linha. Eu queria saber o que pretendem de mim os meus livros" (LISPECTOR citada por BORELLI, 1981).

Parafraseando Clarice, e a desterritorializando completamente, eu me perguntaria: o que pretendem de mim as minhas roupas? O espanto de me ver diariamente "escrita" por ela, me coloca face a face com uma poética do vestuário, que encontra na escritura uma sugestiva cumplicidade, me parece.

Um leitor sabe que sua condição requer uma dedicada atenção às sensações que em seu corpo uma leitura fermenta. Sensações, um corpo, experimentos intensivos. A literatura vibrando no corpo um cotidiano de densidade própria, capaz de dotá-lo de uma inteligência carregada de prontidões sensíveis. Lembra o dançarino de Butoh, que esculpe no corpo manifestações de vários quilates e intensidades múltiplas, podendo chegar à sua própria supressão. "A inexpressividade que permite a encarnação de todas as expressões" (BAIOCCHI, 1997). O dançarino disponibilizando o seu corpo para que nele a vida dance sua impermanência. É o corpo liberando-se das constrictões que referencializam a ordem, a lei, a razão.

Um leitor devém dançarino das leituras que faz, movendo-se desequilibrado por uma sintaxe de sensações, conduzido por uma força que o expatria e lhe aponta outros estados de si, cujo fim último é expandir-se experimentando-se em várias direções.

Um sujeito lê a quebradiça poética da existência, a vida que se expõe em sua inteireza não linear, dando forma ao incalculável, ao tosco, ao irrequieto, ao que se recusa a dobrar-se fácil. Nesse momento, percebe de forma nítida que seu *tolicionário* — remissão a Flaubert, via tradução do poeta Augusto de Campos (1989): "fórmulas estereotipadas que as pessoas pronunciam para parecer inteligentes e atualizadas" — desmantelou-se. Perambula, então, em vadiagem exploratória, lança-se ao alcance do que talvez possa ser chamado de estilo, que advém dessa maquinaria sujeito/texto, um intercâmbio de voltagens, de onde ambos saem vitalizados e outros.

Transeunte de si mesmo, deseja agora orientar o

fluxo de sensações que o invadiram. Inicia-se assim a produção de uma escritura que se deixa desassossegar de forma incansável, o tempo todo.

Torna-se um *alguém* capaz de "recitar a humanidade", palavras do autor polonês Witold Gombrowicz (1988). Alguém cuja forma singular nasce do encontro entre homens, ele dirá. Um *ninguém*, para o autor português Fernando Pessoa, "(...) que escreve para completar um processo de exteriorização do interior, que se iniciou com a análise das sensações" (GIL, 1987).

Um laboratório pulsante de vitalidade que não se isola do mundo para melhor senti-lo. Ao contrário, monta sua "pesquisa de sensações" à beira de seus próprios abismos. Algo decerto perturbador, mas liberador também, porque daí surgem formas imprevistas, que forçam sujeito e linguagem a se desacomodar e inventar sentidos aventureiros, que ultrapassam o registro da mera comunicação de algo.

No início do texto fiz menção a uma poética das roupas. E ainda que seja capaz de entender bem o porquê de tanto se privilegiar a comunicabilidade delas, afinal a ênfase na função referencial pretende garantir que todos desembarquem na terra firme dos códigos sensatos, e os assimilem, um sujeito, seu corpo, sua voz e suas roupas-escrituras, em sua deliberada procura por palavras inexatas, frescas, deixa de vestir apenas orientações dominantes de mercado, traja acontecimentos, confecciona tramas ficcionais que lhe aconchequem. Construirá tantas outras, exatamente no momento em que aquelas caduquem, pelo simples fato de que não conseguem mais expressar a força clandestina necessária para se romper molduras, que grampeiam a vida e aplainam sua doida polifonia.

Sabemos que, hoje, a moda em suas ambíguas estratégias exerce não só formas sutis de controle, mas também passou a funcionar como um agente ressignificador da cultura, na medida em que catalisa outros universos de referência. Mas que disso resultem experimentos tanto no plano social quanto no subjetivo, que reverberem outros modos de experimentá-la, para além de falas vazias, repletas de palavras "conhecidas como rouba-tempo, que estão sempre disponíveis e aparecendo em legião" (RAMOS, 2001). O contrário disso seria o que Nuno Ramos chama de "palavras súbitas". Estas são raras, "vêm em geral cercadas de espanto (...) carregando consigo a breve duração de sua promessa". Precisamos tanto dessa promessa!

Um fim sem fim

O que me interessa mesmo é a emergência de modas-escrituras, que avancem sobre a convenção da linguagem-moda, interrogando-a, multiplicando significações, deixando o campo desimpedido para que se inicie uma outra aventura: a de projetar "roupas-texto", que se componham com as linhas variáveis de que somos feitos, que diagramem nossos desejos, os mais insensatos que sejam, de criação.

REFERÊNCIAS

- BAIOCCHI, Maura. *Butoh: dança veredas d'alma*. São Paulo: Palas Athena, 1997.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CAMPOS, Augusto de. *À margem da margem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GIL, José. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio D'Água, 1987.
- GOMBROWICZ, Witold. *Contre les poètes*. Bruxelas: Complexe, 1988.
- RAMOS, Nuno. *O pão do corvo*. São Paulo: Editora 34, 2001.